



Perfil:

Ary Nienow

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Marcelo Silveira / Arquivo Planetário

Saber o idioma alemão e estudar Física na UFRGS foram os dois fatores que abriram as portas para que o jovem Ary Nienow, então com 22 anos, pudesse conseguir uma bolsa na Universidade. O desafio seria atuar em uma das grandes novidades do ano de 1972: o Planetário. O que ninguém (nem o próprio Ary) imaginava é que esta história pudesse durar por tanto tempo.

Hoje, quase cinco décadas depois, o “Pai Ary”, como carinhosamente chamam os bolsistas e colegas que trabalham e trabalharam com ele, é uma figura indissociável do Planetário Professor José Baptista Pereira e emblemática junto à comunidade não apenas da UFRGS, mas de toda a cidade de Porto Alegre. O homem que viaja mais pelo espaço do que pelo próprio planeta Terra, como ele mesmo costuma dizer.

Guerra Fria, cafés e telescópios

A trajetória de Ary no Planetário teve início de maneira tão despretensiosa quanto fascinante, antes mesmo de o órgão ser oficialmente inaugurado. Em meados de 1972, quando da instalação do Zeiss SpaceMaster, o projetor alemão que até hoje encanta os visitantes que frequentam a sala de projeção, Ary e um colega ficaram sabendo de uma oferta de bolsa para estudantes de Física que compreendiam o idioma germânico. Uma oportunidade rara, que combinava duas das principais qualidades dele naquele momento. “Por saber falar alemão, fui admitido como intérprete. Por isso, e por ser estudante de Física na UFRGS, tive

facilidade em obter esta bolsa”, recorda o físico.

Saber alemão, de fato, era decisivo para a empreitada. A inauguração do Planetário se deu em meio ao período da Guerra Fria, em um acordo comercial curioso envolvendo o Brasil e antiga Alemanha Oriental: brasileiros forneceram toneladas de café e receberam em troca dos alemães telescópios, microscópios e outros tantos aparelhos de alta tecnologia. O inusitado escambo intercontinental proporcionou a inauguração de uma série de planetários país afora, nas décadas de 1970 e 1980 (e certamente também preencheu e aqueceu o conteúdo de muitas xícaras no leste europeu).

Ary conta que, em plena tensão da Guerra Fria, a relação com os técnicos alemães era estritamente profissional: “de assuntos gerais eles não comentavam nada. Acho que eram instruídos a não falar sobre o regime comunista. Não tocavam em assuntos de política, eram muito reservados”, lembra. A comunicação com os estrangeiros, porém, foi absolutamente perfeita com relação à instalação dos equipamentos, o que foi decisivo para que a história de Ary pudesse ser tão duradoura no Planetário.

Um apaixonado por engrenagens e por consertos

Como o próprio sobrenome já sugere, Ary Nienow é de origem alemã. Nascido, criado e residente até hoje na cidade de Dois Irmãos, distante

60 km de Porto Alegre, entre o Vale dos Sinos e o pé da Serra Gaúcha. O município é marcado por uma forte colônia germânica. Assim, Ary aprendeu a falar o idioma em casa, desde cedo.

Foi também na infância que ele descobriu a predileção por consertos. Desmontar os brinquedos que ganhava de presente era uma de suas atividades preferidas. “O Ary é um apaixonado por engrenagens e por consertar aparelhos mecânicos”, confirma Pedro Sobragil, colega de Ary há 20 anos na projeção e manutenção do complexo de equipamentos de projeção na cúpula do Planetário. “A primeira coisa que eu fazia quando ganhava um brinquedo era desmontá-lo e ver como ele era por dentro”, recorda Ary.

Durante a adolescência, ele passou a se interessar pela área da Física justamente por conta disso. As aulas práticas, que envolviam entender o funcionamento de máquinas, peças e equipamentos mecânicos, chamaram sua atenção e o fizeram optar por esta formação. A oportunidade surgida para ser bolsista do Planetário parecia o local perfeito para aliar o seu conhecimento da língua alemã ao interesse em Física. E de fato foi.

Sua chegada ao órgão ocorreu em julho de 1972, quatro meses antes da inauguração oficial, ocorrida em 11 de novembro daquele ano. Um sábado histórico, em que filas se formaram para ver a novidade que havia na capital gaúcha: um prédio em formato de nave especial com um aparelho complexo vindo da longínqua Alemanha Oriental, capaz de reproduzir mais de oito mil astros celestes e o céu de qualquer no dia no passado, presente ou futuro.

Não havia mesmo como não despertar muita curiosidade em todo mundo. As sessões dos primeiros meses de atividades do órgão lotavam praticamente todos os dias. Até hoje Ary lembra de ficar impressionado com o movimento que a nova atração da cidade causava todos os dias na esquina da Avenida Ipiranga com a Rua Ramiro Barcelos. O Planetário, diga-se, segue fascinando

o público até hoje: sessões lotadas continuam sendo bastante frequentes, mas a programação é mais enxuta do que na época da inauguração – atualmente, concentra-se principalmente nos finais de semana.

A atuação junto aos técnicos alemães proporcionou a Ary a oportunidade única de obter um profundo conhecimento do SpaceMaster junto a quem mais entendia do funcionamento do projetor no mundo todo. E ele aproveitou bem a chance: de bolsista, passou a ter carteira assinada para trabalhar profissionalmente no Planetário na parte técnica a partir do primeiro dia do ano de 1973. Desde então, especializou-se na manutenção do projetor. Seu vínculo com o órgão se mantém até hoje. Ary é, portanto, um dos servidores mais antigos ainda em atividade na Universidade, com 48 anos de “casa”. Seu esmero no trato com o SpaceMaster garante a alta qualidade de desempenho do projetor até os dias de hoje.

Um profissional de referência em todo o Brasil

Em poucos anos, Ary Nienow se tornou uma das principais referências do país no que diz respeito à instalação e manutenção de planetários que usam o Zeiss SpaceMaster. Além de Porto Alegre, trabalhou nas unidades de Santa Maria, Rio de Janeiro, Brasília, João Pessoa e Goiânia – as seis em solo brasileiro que foram inauguradas com o equipamento. No da capital paraibana, acompanhou todo o processo de implantação, entre 1980 e 1981, até a inauguração, ocorrida em 1982.

A experiência adquirida desde o início da instalação do projetor em Porto Alegre permitiu ao físico a antecipação de cenários. A partir destas recomendações, ajudou a evitar futuros problemas nos outros cinco planetários. Uma delas diz respeito ao modo como o equipamento deveria ser armazenado antes da inauguração. O desleixo (por desconhecimento) com os caixotes onde ele estava guardado na UFRGS antes



da instalação definitiva, por exemplo, causou problemas na base do projetor, que limitaram uma série de movimentos nos primeiros anos de atividades.

“Os caixotes foram jogados de um lado para o outro nos porões do Hospital de Clínicas. Isso causou o empenamento da base do projetor, o que prejudicou uma série de movimentos dele por um bom tempo”, recorda Ary. O erro ocorrido aqui não se repetiu Brasil afora: a partir da recomendação do físico, o cuidado com o armazenamento do material foi maior em outras cidades. Os projetores dos planetários de Goiânia e João Pessoa, por exemplo, nunca apresentaram danos em sua estrutura, e seguem até hoje funcionando de maneira perfeita.

Uma emoção a cada sessão

Ary pode passar horas e horas explicando com carinho cada funcionalidade e detalhe do projetor. Não apenas por ser sua principal ferramenta de trabalho, mas por ser uma máquina geradora de emoções. “Não apenas eu, mas a maioria das pessoas que já viu planetários digitais funcionando, dizem que não existe céu igual ou mais natural do que o do SpaceMaster”, assegura. “Projetores mais novos, inclusive da mesma marca, mostram muito mais estrelas na cúpula, mas é um céu meio artificial. A olho nu, nós não conseguimos ver tantas estrelas”.

Ary até hoje se recorda da sensação que teve, 48 anos atrás, ao ver o céu do Planetário estrelado

pela primeira vez: “foi incrível, como é para os nossos visitantes até hoje”. Quem já acompanhou alguma sessão do Planetário sabe bem do que ele está falando. Quando as luzes se apagam e a narração começa a contar a história, o céu que se projeta é capaz de arrepiar e encantar crianças e adultos.

Além de ser um dos operadores do projetor, Ary conversa com o público após a sessão de maneira explicativa, ajudando os espectadores a compreenderem ainda melhor a história narrada e os mistérios do Universo. “O Ary se encanta pelas imagens de astros, planetas, estrelas e cometas que projeta na cúpula do Planetário”, relata Pedro Sobragil.

“Depois de todos esses anos dedicados ao Planetário e em contato com as escolas, administrando sessões para todos os níveis escolares, ele ainda fica emocionado com a reação espontânea das crianças após uma atividade dentro da cúpula”, completa o colega.

Um extensionista exemplar

Neste contato tão especial e rico com o público, em especial o infantil, Ary e o Planetário se tornaram, juntos, uma referência na divulgação do conhecimento científico de Porto Alegre nas últimas cinco décadas. “Ele é um cara muito especial”, considera Marcelo Cavalcanti da Silveira, hoje servidor do Museu da UFRGS, mas que atuou junto a Ary e Pedro na operação do Spacemaster entre 2003 e 2019. “Ele parece meio fechado por um lado, mas por outro tem um coração enorme, é uma pessoa muito boa”.

Segundo Silveira, a paixão de Ary pelo trabalho como planetarista, pelo Planetário e pelo Spacemaster afloram de maneira contagiante nas sessões, em especial aquelas reservadas ao público infantil. Atuação que merece, na sua visão, um reconhecimento ainda maior: “a qualidade do trabalho dele surpreende. Ele faz extensão no sentido mais amplo da palavra, uma extensão real, de verdade, e não só com as crianças: ele coordena alguns projetos de identificação do céu que são maravilhosos. Ele é um grande divulgador da ciência, e sempre fez esse



Encontro Nacional de Planetários, Brasília, 2015, solenidade de outorga de sócio honorário
Da esquerda para direita: Juan Barrio, presidente ABP, Ary Nienow, Tânia Maris e Fernando Vieira

trabalho muito bem”, analisa Silveira, que vai além dos elogios: “sou da opinião de que ele deveria receber o título de Doutor Honoris Causa. Seria mais do que merecido”.

Silveira é outro que não consegue dissociar a imagem do Planetário da de Ary: “o Planetário tem um cérebro, que é o Spacemaster; um coração, que são os técnicos que lá trabalham; e a alma, que é o Ary. Ele é mais que o cérebro e o coração do Planetário. É um grande extensionista”.

O futuro dos planetários (e do próprio Ary)

Embora sublinhe que o céu projetado pelo SpaceMaster seja o mais realista já obtido até hoje, Ary Nienow entende que a tendência de os planetários passarem a utilizar projetores digitais para suas sessões é um processo irreversível. Por maior que seja a durabilidade dos projetores tradicionais, ela não é infinita. Mas então como podemos ter céus com mais realismo nos planetários quando estes aparelhos forem substituídos por outros mais modernos?

“Não tem como estancar esta tendência: uma hora esses projetores vão parar de funcionar”, admite Ary. “Talvez uma alternativa seja poupá-los, transformando os planetários em um sistema híbrido: colocando projetores digitais auxiliares aos ópticos

mecânicos”, sugere. “Isso é perfeitamente possível, já acontece em outros planetários, e acho que é uma solução mais viável e adequada para que o próprio SpaceMaster tenha uma duração mais ampla”.

O caminho indicado por Ary certamente será levado em conta por outro fator que passará a ser decisivo nas atividades do próprio Planetário da UFRGS: a aposentadoria dele próprio como servidor do órgão, após quase meio século de serviços dedicados à comunidade gaúcha.

“O Planetário da UFRGS terá uma perda irreparável com a aposentadoria do Ary”, analisa o colega Pedro Sobragil. “O Planetário se confunde com a história dele. Vai ser uma pessoa sempre lembrada por toda a comunidade. Desejo a ele nesta nova fase muita saúde e sucesso”, completa. “Todos os bolsistas e colegas servidores que de alguma forma passaram pelos ensinamentos do Ary têm hoje o maior respeito e gratidão por ele, tudo que ele pôde passar a todos. É como um pai para todos nós. O Pai Ary”, revela Morávia Dalmaso, também colega de Ary no Planetário.

• *Esta reportagem especial não seria possível sem a decisiva colaboração do colega Marcelo Cavalcanti da Silveira, a quem deixo um enorme agradecimento por todo material e auxílio prestado.*



Confraternização com os colegas e bolsistas do Planetário, 2018



O projetor que é quase como um filho

O conhecimento obtido como físico, aliado à fluência na língua alemã, tornaram Ary um personagem ímpar no país quando o assunto é planetários, mais especificamente aqueles cuja projeção se dá pelo Zeiss SpaceMaster. Além de ter tido a raríssima oportunidade de acompanhar a instalação junto a técnicos alemães em 1972, o manual da máquina é todo em alemão.

Ainda assim, ele garante que não há grande mistério na operação do equipamento: “a operação do conjunto não é tão complexa. A manutenção é que é bem complicada”. De fato, é o cuidado incansável de Ary que garante a qualidade de projeção do SpaceMaster até hoje. O carinho dele pelo equipamento, que considera como se fosse um filho, fica evidente em cada palavra.

“Para mim, é uma das máquinas mais perfeitas já construídas, tanto pela precisão como pela durabilidade”, avalia. Mesmo sendo fabricado no início dos anos 70, sem a capacidade tecnológica de aparelhos do Século 21, o SpaceMaster é capaz de projetar o céu de qualquer lugar do planeta Terra, em qualquer dia do passado, presente ou futuro. Isso confere a ele uma versatilidade que ainda hoje impressiona não apenas Ary, mas o público que frequenta o Planetário, seja infantil ou adulto.

“Os SpaceMaster têm quase 50 anos de funcionamento, e seguem projetando o céu mais natural que existe. Se todos fossem tratados com esmero, manutenção boa, limpeza óptica e lubrificação adequadas, não teriam um tempo estimado de parar de funcionar”, garante Ary. Palavra de quem conhece o assunto literalmente como ninguém. ◀